

Presença

NOVEMBRO
DEZEMBRO
1953 — N.º 1

J. U. C. F. — FILIADA NA «PAX ROMANA»

PRESENÇA NA UNIVERSIDADE

Caracteriza-se a nossa época — e a juventude universitária da nossa época — por dois traços fundamentais: a improvisação e a superficialidade. Num mundo tão pesado de responsabilidades em que as articulações sociais atingem um grau de complexidade extremo ninguém hesita em improvisar. Improvisa-se a preparação profissional, a cultura, a personalidade; improvisam-se as estruturas sociais.

Procuram-se sem a menor justificação teórica soluções de compromisso que não têm em perigo a estabilidade das instituições e diminuem o homem.

Reconhecido aqui ou ali o erro mais flagrante, logo os pioneiros da aventura social se metem a realizar coisas, sem ter estudado, improvisando. Daí o fracasso de tantos planos, daí o cepticismo com que se encaram todas as atitudes que em si trazem o sopro de uma renovação.

Improvisa-se porque é mais fácil e mais calmo não mergulhar no fundo imenso das coisas. Por isso a improvisação joga lado a lado com a superficialidade que esquece a exigência do Absoluto, que se emancipa da essência dos seres e se atém a uma existência fragmentária porque desprovida dos elementos fundamentais. É esta superficialidade que gera os profissionais incompetentes, os homens culturalmente deficientes, o predomínio das preocupações económicas e técnicas sobre os problemas fundamentais da vida humana. É esta superficialidade a responsável pela crise da Universidade, pela crise do pensamento.

Contra uma e outra coisa, é preciso marcar PRESENÇA:

— QUANDO os erros se afirmam na vida universitária e social e se vive num ambiente de imenso relativismo;

— QUANDO um ano e outro decorre na morna indiferença que só a preparação atabalhoada para os exames logra quebrar;

— QUANDO a cultura é considerada não clima de vida mas adorno mais ou menos dispensável do espírito;

— QUANDO cobardemente se ignoram todos os grandes problemas que angustiam o mundo de hoje;

— QUANDO as exigências da vida universitária feminina são ignoradas por aquelas mesmas que as deviam viver;

— É preciso marcar PRESENÇA.

Equilíbrio e... "equilibrismo"

Esse homem está sempre com medo de comprometer-se, de ir demasiado longe; o menor excesso fá-lo tremer; não tem outro cuidado senão o de conservar em todas as coisas ao justo meio termo.

Será isto equilíbrio? De maneira nenhuma: isto é «equilibrismo». O homem equilibrado vive e harmoniza e pensa as tendências opostas (a vontade e a paixão, a prudência e a audácia, a lucidez e o entusiasmo); é como uma montanha cujo equilíbrio implica a existência das duas vertentes. E essa amplitude de base permite-lhe precisamente, como a montanha cujo cimo se perde audaciosamente no céu, comprometer-se a fundo, desprezar as meias tintas e as precauções; pode ir muito longe e muito alto sem perigo para a sua base interior; é bastante forte e rico para ser saudavelmente excessivo. O «equilibrista», pelo contrário, está separado da vida e toda a sua habilidade consiste em manobrar sãbiamente para ficar de pé no meio do torvelinho das forças adversas que o agitam e que ele não pode dominar.

O primeiro evita a queda quando aderindo plenamente à vida; o segundo mantendo-se alheio a tudo.

Os dois escapam às correntes perigosas: um porque comunga com a fonte mesma do rio; o outro... porque sabe «manobrar seu barco».

GUSTAVE THIBON em: «O pão de cada dia»

O CONGRESSO CONTINUA!...



Há um ano falava-te aqui da necessidade de considerares o Congresso como **TEU** para mais plenamente o viveres. Com maior ou menor prontidão ouviste o que se te pedia e estiveste presente. Hoje julgas ter acabado o ano do Congresso. Mas não.

«O CONGRESSO CONTINUA!»

Não basta que nos tenhamos preparado (talvez demasiado à pressa) para o Congresso. Não basta que tenhamos tomado parte activa nele, que tenhamos ouvido as conclusões vibrantemente aclamadas por nós. Isso é muito. Mas não basta.

É preciso continuar o Congresso. E o que significa continuá-lo? É levá-lo até à Universidade, instituição a realizar-se na vida de cada dia, é reduzi-lo e vivê-lo nas dimensões da Escola que frequentamos. Isto significa que vamos estudar a fundo os problemas fundamentais debatidos no Congresso e que vamos dar-lhes vida individualmente e na comunidade a que pertencemos. E não pode ficar a nossa acção no estudo das soluções teóricas; é preciso atender aos factos e eles são bem claros nos mapas estatísticos e nos relatos, teses e comunicações do Congresso. Medita-os e tira deles as lições e as directizes para a acção.

Começaremos o ano por equacionar o problema-base: a vocação universitária. Será o pano de fundo a enquadrar e a dar vida a todo o programa do ano. É na vizinhança dele que os outros problemas tomam corpo e se afirmam. (Lembra-te de que vocação não significa unicamente geito, tendência ou gosto natural, mas significa também correspondência a uma posição de facto: estou na Universidade — é **numa vocação universitária feminina** que devo realizar-me.)

E, para continuarmos o Congresso, melhor, para o vivermos totalmente, estudaremos ao longo do ano, nas equipas e nas reuniões gerais que forem necessárias, os problemas mais prementes da nossa vocação universitária: os problemas religiosos (no 1.º período), os problemas morais, de estudo e culturais (no 2.º período), os problemas profissionais (no 3.º período).

A orientação que a D. G. vai fornecer-te dar-te-á as bases teóricas

(1) — A Direcção Geral aconselha-te a compra dos 2 volumes dos trabalhos do Congresso.

«O pensamento católico e a Universidade.»

«Situação actual da Universidade Portuguesa.»

indispensáveis para uma primeira análise dos problemas. Não te contentes com isso. Prepara conscienciosamente as reuniões, consulta a bibliografia indicada, ausculta as inquietações e as deficiências do meio. E depois do estudo da teoria e da análise do meio (o ver e o julgar) — acção. Em ti e nos outros. Renovação das jucistas, das universitárias e renovação da Universidade. É isto que te pedimos que faças este ano.

O Congresso contém em si a possibilidade da unificação da nossa vida de universitárias e católicas. Essa a síntese que temos de realizar. Para que o verdadeiro sentido da nossa formação pessoal e da acção católica universitária se intensifique e se afirme é **absolutamente necessário que na medida em que a nossa acção se torne mais especificamente universitária ela se torne mais profundamente católica.**

Este o ponto essencial da orientação do nosso movimento. Nele está implícito o equilíbrio a manter entre a acção pessoal que é a essência do apostolado e a renovação das instituições que é puramente accidental. Com efeito, se a conversão das almas é a missão essencial que nos cabe, não podemos esquecer que ela é função de muitos factores onde avultam as características das instituições humanas. Há por isso que actuar nas instituições, na sua estrutura, nas condições de salvação das almas, e não pelas instituições consideradas em si mesmas.

E neste ano tão pesado de responsabilidades em que cada dia será testemunho do que foi para nós o nosso Congresso, é preciso que tu sintas que a J. U. C. F. depende de ti.

A J. U. C. F. depende de ti na profundidade e na seriedade com que te habituares a pensar, a reflectir, a orar. A seriedade que dimana de ti há-de ajudar as jucistas da tua equipa da tua secção. E aqui entre nós, que autoridade temos para criticarmos a ligeireza da vida universitária, se muitas das jucistas não se distinguem, na superficialidade de juízos e de interesses, da grande massa universitária?

A J. U. C. F. depende de ti na intensidade da tua assimilação do pensamento da Igreja para que se não diga de ti que, entre outros atributos igualmente louváveis, és cristã, mas que seja um clima de cristianismo autêntico que enquadre a tua vida toda.

A J. U. C. F. depende de ti no desejo de valorização intelectual e cultural que te anima e que há-de ser, que tem de ser um grito de presença a desmentir aqueles números incrivelmente baixos, que os inquéritos nos revelaram.

A J. U. C. F. pede-te o teu esforço continuado como estudante, o aprofundamento da tua vida religiosa, a tua inserção cada vez mais intensa na orientação do movimento. Para que compreendas o que se te pede, para que dês tudo e para que te dês.

Porque a J. U. C. F. não é qualquer coisa independente de ti e circunscrita talvez unicamente aos membros duma Direcção Geral. **A J. U. C. F. és tu mesma.** A J. U. C. F. é a vida de Caridade que souberes e quizeres animar a tua equipa. A J. U. C. F. é o amor imenso de todas nós

EXIGÊNCIAS DA VOCAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Espírito de pobreza Espírito de serviço



A vocação universitária é plenitude e totalidade; é unidade e simplicidade.

Mas que sentido tem essa plenitude e essa unidade? A plenitude é o desabrochar do ser humano na mais completa harmonia com o Ser. Mas, porque criatura, há necessariamente limites no homem; e, porque criatura caída pelo pecado, as coisas pelas quais pretende e deve atingir a plenitude — coisas materiais e coisas espirituais (a inteligência, a ciência, a beleza, o amor) — podem ser para o homem causa de desordem. Elementos decisivos na glorificação de Deus pelo homem de antes da queda, as coisas convertem-se, na inversão de valores que o pecado trouxe consigo, em factores de perversão e de erro.

Mas, consideradas em si mesmas, são sagradas. Na simplicidade da sua natureza elas glorificam Deus. «Obras do Senhor, bendizei todas ao Senhor — louvai-O e exaltai-O para sempre... Anjos do Senhor, bendizei ao Senhor... Céus, bendizei ao Senhor... Sol e Lua, bendizei ao Senhor...» Pela sua própria existência, pelo simples facto de SEREM as coisas glorificam Deus e d'Ele falam. E Deus, por sua vez, compraz-se na criação. Ama-as como as amou no momento inicial. Só em relação ao homem as coisas mudaram. No mundo, o homem e as coisas deixaram de ter entre si as relações que correspondiam à ordem universal. E, por isso, o homem tem de meditar no que significam as coisas postas no seu caminho. Elas são «os canais da Graça e da Caridade entre nós, os pilares da nossa vida comunitária».

Postas nas nossas mãos, são ajuda para a construção da nossa per-

em Deus a traduzir-se em fórmulas concretas e específicas do pensamento e da acção. A J. U. C. F. é a vivência desta certeza de que, chamadas pela Hierarquia, unidas n'Aquele que tudo transfigura, «faremos todas juntas uma cadeia de amor». E nesse amor estaremos junto ao Altar, oferecendo com o Verbo todos os que por nós sobem até ao Pai.

E nesse amor edificaremos uma **Comunidade Universitária Cristã.**

DIRECÇÃO GERAL

sonalidade, são elementos fortes de inserção na comunidade, são sinais imperativos de trabalho a realizar. Postas nas nossas mãos (marcadas no nosso espírito) as coisas continuam — têm de continuar — a glorificar o Senhor. E como o glorificam? Identificando-se com Ele, dando-se na sua totalidade e na ordem ontológica que é a forma das coisas amarem. Dando-se e amando à semelhança de Deus, as coisas são postas ao serviço da comunidade. E as coisas servem. E servem ainda dum modo mais real (porque toca a sua própria essência e as abarca totalmente) através da utilização que os universitários delas fazem.

Fala-se com muita frequência no direito de propriedade e restringe-se esse direito às coisas materiais. Mas há também um património das coisas espirituais. E em relação a esse património, tem o intelectual, mais do que um direito, um dever de propriedade. Deve assimilá-lo a si, possuí-lo para o pôr ao serviço dos outros.

Tal atitude supõe um equilíbrio constante: dum lado, a avidez de conhecer, de se identificar com a realidade objectiva das coisas; do outro, o desapego das coisas, de todas as coisas, mesmo as espirituais. A posição do universitário, canal da Verdade para a sociedade, exige o amor das «obras e dos poderes» do Senhor no maior espírito de pobreza.

...«Miracle des mains vides»... Mãos constantemente vazias e constantemente cheias; sempre cheias de beleza e de verdade das ideias e dos sentimentos e sempre o semar vazias na dádiva generosa e preciosa do que se é e do que se sabe.

Pela pobreza o homem serve-se das coisas sem se deixar dominar por elas. São um traço de Deus no caminho e não obstáculo à Sua presença. Esta pobreza que integra o universitário na ordem da comunidade a que pertence radica na verdadeira humildade: conhecimento dos limites humanos e certeza da grandeza infinita de Deus. Esta pobreza das coisas, este desapego das ideias, mesmo das mais nobres, deixam que se tome consciência das dimensões de criaturas. Não a consciência angustiada de uma grandeza frustrada, mas a consciência serena de que tudo a que o homem aspira, na ordem individual e colectiva, tem em Deus resposta.

É a humildade que vincula à tarefa intelectual do universitário a presença constante da humildade que estende as mãos e pede ajuda. É a humildade que faz aceitar a lei que transcende o raciocínio, lei implícita nas mais arrojadas concepções científicas e nos mais insignificantes e monótonos aspectos da vida de estudo.

Como faz comungar na harmonia da criação esta atitude de humil-

dade! E a certeza de que apenas cabe ao universitário levantar a ponta do véu que encobre o mistério dos seres leva a sentir bem forte a presença de Deus em tudo. Daí a atitude de espírito simultaneamente solene e simples, pobre e alegre em face da vida e da cultura.

A humanidade intelectual deriva quase por si mesma do amor da Verdade. O amor implica e intensifica o conhecimento. E o conhecimento da Verdade só pode conduzir à humildade perante ela — disponibilidade alegre e confiante. Que a Verdade nos tome, nos possua, nos transfigure!

E se a Verdade nos toma vemos claramente definidas as coordenadas da nossa posição de universitárias. Ela impõe e exige um compromisso especial para com a sociedade. Muitos receiam comprometer-se. Ciosos da sua individualidade egoísta, ignoram deliberadamente os que os tocam ombro a ombro no caminho. Entrincheirados numa pseudo-vida intelectual, fecham as portas da alma, os «longos caminhos da alma» por onde vêm todos os que precisam de ajuda. Esquecem que a vida intelectual é errada e estéril quando se concentra unicamente no objecto concreto da sua actividade. Ela só tem sentido quando abre totalmente para a Verdade — que é Amor e Vida — e nela aceita e ama todos os seus.

A vida intelectual autêntica, impelida pelo carácter vivificante, apostólico da própria Verdade, tem necessariamente de irradiar na comunidade. Tem de amar os outros e cada um dos outros. E amá-los é servir a sociedade como conjunto e servir a sociedade em cada um dos seus membros. É contribuir para a renovação das estruturas sociais e é contribuir para a conversão de cada homem.

E a missão do universitário concretiza-se na renovação das instituições e no serviço actuante e eficaz em todos os casos humanos que encontra no seu caminho. Pelo estudo consciencioso e sério o universitário serve. Porém não basta. Não basta servir no sector limitado da nossa actividade actual. Porque tem já uma mentalidade superior, tem de repartir com os outros esse conhecimento superior da vida e das coisas.

Se Deus é Senhor e Pai, tudo, na vida humana, deve ser partilhado em comum. Tudo: bens materiais e bens espirituais. E o universitário é, por definição, rico de bens espirituais, por ter de facilitar aos outros o conhecimento cada vez mais profundo da vida e da realidade dos seres. Só ele pode levar os outros a pensar, a reflectir, a adquirir cultura.

E na medida em que serve a comunidade recebe-se logo centuplicado: em alargamento de horizontes, em riqueza humana, em alegria.

Até por esta razão, por muito simples e muito verdadeira psicologicamente: sempre que necessitamos de explicar para o serviço dos outros o que somos ou o que sabemos isso redundará sempre em aprofundamento do que se sabe e em consciencialização do que se é ou se deve ser. O serviço dos outros não nos despoja do que possuímos; mas alarga e intensifica a nossa vivência humana. Enriquece-nos e projecta-nos para além do instante presente. Faz-nos participar da acção providencial de Deus e da Sua omnipotência criadora, eternamente actuante.

Não basta, pois, que o amor de todos os homens, que o ideal de serviço da comunidade anime e vivifique de forte calor humano o labor ignorado o árduo da nossa mesa de estudo. É preciso que, directamente, a comunidade beneficie do nosso direito de propriedade dos bens intelectuais. Bens que nos foram dados para a realização duma vocação. E vocação que é amor e glorificação de Deus e, n'Ele, amor e serviço de todos os homens.

Mas que tudo isto nós possamos realizá-lo com a alma posta totalmente em Deus no maior espírito de pobreza. Senhor, se Tu quiseres, tudo voltará às Tuas mãos; Senhor, se Tu quiseres, a noite sem estrelas, a pobreza absoluta, total, de bens, de ideias, de dons. Só do equilíbrio, entre o espírito de serviço de outros e a sua actualização constante e o desapego por tudo, por todas as coisas, nasce a paz. E com ela tudo o mais.

«La sérénité, l'espérance, la joie et l'amour renaissent dans la vie. On enlève quelque peu du désordre des choses, de leur vanité, de leur instabilité et de leur fragmentarité; on les pénètre de spiritualité, on les élève vers Dieu, on les unifie dans le plan de Dieu. C'est qu'on devient semblable à Dieu, qui est maître des choses, qui les crée et les donne en grand Seigneur et en Père, qui les possède toutes mais qui n'a besoin d'aucune d'elles, qui s'en réjouit mais qui en est complètement dégagé, au Dieu qui est bienheureux dans son éternité immuable et vivante, qui est amour; on devient Ses fils.»

M. L. P.

«Amor sobrenatural é o ponto de convergência do necessário e do impossível. Deus é o único necessário mas o seu reino não é deste mundo.»

GUSTAVE THIBON
em: «O pão de cada dia»

"ENGAGEMENT" SOCIAL DA UNIVERSITÁRIA



Influenciado pela mentalidade duma época individualista e egoísta e pelas condições de vida que a Universidade lhes impõe (afastamento frequente da família, ausência quase total de vida comunitária, deficiência de cultura geral e humanística que dê uma visão de conjunto, exigências da própria formação profissional e intelectual, etc.), o universitário perde muitas vezes a consciência de que faz parte duma sociedade, onde tem o seu lugar bem definido e para com o qual tem obrigações a cumprir. E, ainda mesmo quando não se isola completamente, considera-se apenas como fazendo parte duma classe social fechada sobre si mesma e sem nenhum contacto vital com todas as outras que o rodeiam.

E daqui resulta um desequilíbrio para o universitário e para a sociedade. A presença do estudante nos outros meios torna-se necessária para evitar os defeitos duma formação demasiado teórica e intelectualista e para que não falte no conjunto aquela parte que ele, e só ele, lhe pode dar.

A integração na sociedade é necessária para que o homem adquira o seu desenvolvimento completo. A plenitude humana não se realiza em nenhum homem «individual» nem em nenhuma comunidade fechada — todo o individualismo e todo o particularismo é uma expressão inadequada da verdadeira realidade humana.

Todo o homem está integrado num passado histórico que lhe influencia a vida e tem projecção num futuro em que se continua e ao qual deve transmitir os valores que herdou.

Todo o homem vive na dependência duma sociedade que o ajuda a realizar-se e para a qual dá a sua contribuição pessoal, e esta dependência em nada diminui a sua liberdade ou a sua responsabilidade, pois, se é certo que o homem só se realiza plenamente na sociedade, não quer isto dizer que ele deva desaparecer num colectivismo ou que tenha sido feito para a sociedade, o que é contrário à dignidade da sua própria natureza humana.

Esta interdependência, esta solidariedade humana é real no domínio temporal e querida por Deus que pôs o mundo material ao serviço do homem, e como tal devemos aceitá-la. Mas, onde ela atinge a sua máxima elevação, é dentro da Igreja, no campo espiritual.

É no Corpo Místico, na caridade, que a solidariedade humana atinge a sua plenitude e a maior perfeição, e, é neste plano que o universitário católico encontra definida em toda a sua grandeza a sua vocação social

e o sentido da sua forma pessoal de integração na sociedade. Aqui, como em nenhuma outra parte, é real a interdependência humana e atinge proporções que ultrapassam até a própria vida terrena. — «De maneira que, se dalgum mal padece um membro, todos os membros padecem com ele; ou, se algum membro recebe glória, todos os membros se regozijam com ele»... (S. Paulo aos Cor. XII, 28).

A primeira exigência de vocação social do cristão é uma exigência de perfeição, uma exigência de santidade, porque uma exigência de plena realização humana no plano natural e sobrenatural. Só na perfeição realizaremos o amor.

Concretamente no plano natural, a forma de integração social do universitário é a própria profissão, ou melhor, é sobretudo através da profissão que o universitário será chamado a dar à sociedade a sua contribuição específica.

É preciso, pois, que os universitários se preparem desde já, não só para uma competência profissional, que é indispensável para que a sua integração social seja rendosa, mas também para os problemas que cada profissão terá que encarar, relativos às realidades sociais e humanas. Para que o universitário possa contribuir em verdade para uma melhor ordem social não lhe basta boa vontade e competência profissional, precisa também duma cultura social. Precisa conhecer a evolução social da nossa civilização e ter uma noção precisa dos fenómenos sociais actuais. Isto obriga-o a conhecer o homem e ao mesmo tempo as realidades sociais, nomeadamente de ordem económica e estrutural, as ideologias económicas e sociais e, em primeiro lugar, a doutrina social católica.

Além disto, precisa tomar consciência da função social das profissões em ordem ao bem comum e ter um sentido muito claro da responsabilidade social das profissões, que leve a evitar todo o egoísmo e todo o interesse, pessoal ou colectivo, o qual impede o pleno rendimento social dos progressos técnicos ou científicos.

A formação social do universitário deve fazer-se em vários planos, e poderíamos distinguir o plano do ensino universitário, o plano de organizações de estudantes e o plano individual.

Cada universitário deve considerar como dever adquirir a formação social requerida pelo seu meio e pela profissão que escolheu e conhecer os grandes problemas sociais do seu tempo.

E, porque o campo específico do universitário é o domínio do pensamento, o seu primeiro esforço deve ser um esforço de inteligência que procure uma informação exacta e profunda dos problemas sociais, para depois os poder estudar.

Mas não basta que o universitário tenha um conhecimento teórico dos problemas. É preciso que ele crie em si aquilo a que poderíamos chamar sensibilidade social, que o leve a descobrir as realidades do meio em que vive, e que tenha um contacto directo com as formas concretas dessas mesmas realidades.

Esse contracto directo, deve o estudante procurá-lo, tanto quanto possível, de acordo com as suas tendências e dentro do seu meio.

A primeira grande realidade que lhe surge é a sua própria família. Sentir os seus problemas, ser nela uma presença activa e atenta, encontrar e equilíbrio entre a sua vida familiar e a sua vida de estudo, é a primeira grande experiência social do universitário, experiência que requer por vezes um esforço muito maior do que à primeira vista pode parecer.

O meio social e o sector profissional são outros dois campos de experiência social, quando não no aspecto material, pelo menos no aspecto espiritual.

E, para além destas realidades que o cercam, o universitário deverá procurar qualquer forma de actuação social directa, quer no campo de serviço social ou de assistência social, quer no sector económico, pelo estudo dos grandes problemas económicos e pela revisão dos sistemas económico-sociais, quer no sector pedagógico, seja qual for o aspecto considerado, quer ainda no sector político ou em qualquer outro que esteja ao alcance das suas possibilidades e vá de encontro às suas tendências.

O importante é sentir-se integrado na comunidade humana e contribuir na medida das possibilidades de cada um para o seu aperfeiçoamento e melhor realização, por um esforço de valorização pessoal, pelo auxílio prestado aos outros. Sem dúvida que isto pede sacrifício, perseverança, trabalho e humildade, amor. Mas é isto mesmo que santifica na acção.

M. A.

Fundação Cuidar o Futuro

*Não esperes até que Deus venha a ti
e diga: Sou.*

*Um deus que confessa a sua força
não tem sentido.*

*Hás-de saber que o sopro de Deus te invade
desde o princípio.*

*E quando o coração te arde e nada trai,
é ele então que em ti cria.*

RAINER MARIA RILKE
(trad. Paulo Quintela)

a assistir à missa numa das igrejas católicas que ficava a caminho de sua casa.

Apodera-se de Thomas uma comoção inexprimível ante a beleza misteriosa e grave do sacrifício, de significado para ele então obscuro. E que lição esta, para os muitos católicos que acabam por assistir à Santa Missa, quase desligados da experiência única que estão a viver.

Daqui à conversão, vai um passo que não é isento de esforços e dificuldades. Mas Thomas é persistente e é-o por amor de Deus. As dificuldades desvanecem-se à medida que vai tomando maior contacto com os mestres da Igreja de ontem e de hoje: Santo Agostinho, S. Boaventura, S. Tomás e também Maritain e Gilson...

Assim se vai afirmando com o auxílio da graça divina na certeza da sua vocação, a que não resiste e que por fim o leva, com a idade de 26 anos, a entrar num convento de Trapistas.

De como se lhe manifesta a vocação contemplativa e de como a vida lhe decorre no convento, cheia de paz e da alegria do Senhor, só lendo o livro nos podemos inteirar com o conhecimento autêntico e benéfico que vem do contacto pessoal com a alma ardente do monge trapista.

Leiamos o livro. E que dele tiremos sugestões para o aperfeiçoamento da nossa vida espiritual e para maior consciência das responsabilidades que nós cabem.

Fundação Cuidar o Futuro



«Uma alma que não pressente e não respeita o que pode haver de verdade e de profundidade em outra alma de sentimentos opostos não é uma alma grande.»

GUSTAVE THIBON

em: «O pão de cada dia»

Confrontando, nos nossos dias, esta realidade com a situação histórica do homem, não podemos deixar de nos angustiar, verificando o abismo entre duas posições dramaticamente antitéticas: contra a cidade do Homem Novo, de instituição intemporal, levanta-se a cidade do homem que envelhece, de instituição temporal: — a cidade histórica desafia a Cidade de Deus, a sua construção, no evoluir através do tempo, sofrerá

Se a cidade histórica assentasse os seus alicerces nos princípios da Cidade de Deus, a sua construção, no evoluir através do tempo, sofrerá apenas um mínimo de dor acompanhado de um máximo de condições humanas favoráveis ao bem-estar comum e à dignidade dos povos. Mas, porque a cidade histórica se desvia dos princípios da Cidade de Deus, ela cria uma situação semelhante à do Homem Novo, quando se desvia do seu paradigma — prepara a sua própria ruína. Insurge-se o egoísmo contra a caridade, o ódio contra o amor, a opressão contra a liberdade, o sarcasmo contra a inocência, o ídolo do corpo contra a fé, o pecado contra a pureza, a destruição contra a vida. Hoje, a ameaça na cidade histórica não é menor do que a do século de santo Agostinho. A Cidade de Deus permanece inalterável, mas as muralhas da cidade histórica já estalam e fendem sob a pressão de uma onda devastadora, desencadeada por forças humanas desordenadas ao serviço de orgulho e de egoísmo brutais.

Lá dentro, na cidade histórica, que se passa? Lado a lado, um mundo desesperado, agonizante, e as forças vivas da Cidade de Deus. Cada cristão fiel é um marco a atestar a presença invisível da Comunidade a que pertence em Cristo. Como no passado, a presença de colunas; cristãos sustentaram os restos de um império esgotado, arruinado por vícios internos e devastações externas, hoje a cidade histórica só poderá aguentar-se, se cada cristão se mantiver de pé, no seu posto, como membro vivo da Cidade de Deus.

Para o cristão obreiro da cidade histórica, não há grupo, não há classe, não há fronteira que corte laços fraternos. Onde a necessidade, aí o socorro; onde as lágrimas, aí a consolação; onde as privações, aí o dom dos seus bens; onde a opressão, aí o alívio. No sector de vida em que se encontrar, constrói a sua parte, na cidade histórica, com os olhos postos na Cidade de Deus e o coração aberto a toda a necessidade. Não há estranhos — há irmãos; não há distâncias — há o próximo; não há línguas nem dialectos — ele só conhece o diálogo do amor.

Pax Romana, na compreensão profunda desta doutrina, aponta aos intelectuais católicos o único caminho a seguir — o caminho da Comunidade cristã, caminho que podemos concretizar na cena comovedora dos primeiros cristãos, que se amavam de Oriente a Ocidente e repartiam com simplicidade a sua túnica, o seu pão, a sua propriedade «e todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum» (Actos dos Ap., II, 44).

Setenta e sete grupos de católicos intelectuais — Federações entre as quais se conta a J. U. C. F. —, vindos de todo o mundo, responderam «presente», integraram-se em Pax Romana, comprometendo-se a viver a doutrina da Comunidade Cristã na cidade histórica e a fazer desta, imagem da Cidade de Deus.

Cada Federação responsável, na esfera universitária, procura, pela valorização pessoal, local e nacional, enfrentar os perigos que ameaçam a cidade histórica, consolidar-lhe os pontos vacilantes que estejam ao seu alcance, ajudar a construir os pilares de uma autêntica Comunidade Cristã que vivifique e anime esta cidade vazia de alma, de verdade e de amor.

Entre nós, católicos, não tem sentido rivalidades, emulações, orgulho da supremacia: somos um só Corpo em Cristo, uma só Comunidade.

A cidade histórica fragmenta-se e define-se. E nós dentro dela, fazendo parte dela. Por vocação e por mandato, somos massa que une, fermento que engrandece, sal que tempera e conserva a vida: «Sois o sal da terra. Se o sal perde a força, com que salgará? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens» (S. Mateus, V, 13).

M. L. V. R. — Dia de S. Lucas, 1953

NOTICIÁRIO

Fundação Cuidar o Futuro

O QUE NOS DIZ...

...A Ásia

Por ocasião da reunião das Delegadas asiáticas ao Congresso de Quebec, pediu-se à Pax Romana que examinasse as possibilidades de organizar um encontro na Ásia — «seminário asiático» — para 1954.

Foram elaboradas as linhas gerais de um projecto centralizado em um duplo tema:

— Para estudantes: «Os estudantes católicos e a transformação moderna das universidades asiáticas».

— Para intelectuais: «Os intelectuais católicos e a revolução na Ásia».

Esta ideia, no seu conjunto, foi bem acolhida e favoravelmente comentada pelas Índias, Japão, Malásia, Ceilão e Nova Zelândia, que manifestaram o seu desejo de participar neste encontro.

Também tinha sido já aprovada pelas delegadas da Indonésia e das Filipinas e pelos observadores chineses e do Vietnam.

O fim deste «seminário», que consiste em reforçar ou organizar, onde não existe ainda, a Acção Católica no meio estudantil das universidades asiáticas, constitui um apelo por tal forma essencial ao sentido universal de Pax Romana que necessita e exige uma assistência comum e um esforço de todos para a sua realização.

...A América

Desde a última Assembleia Interfederal, a Comissão norte-americana continua a assegurar o seu excelente trabalho de coordenação no continente norte-americano e de ligação entre as federações norte-americanas e o Secretariado Geral.

Fizeram-se esforços particulares para o lançamento de campanhas de assinatura do **Jornal** e de outras publicações de Pax Romana; para facilitar e encorajar as federações norte-americanas a pôr-se em relação com os Sub-Secretariados; para obter os fundos destinados à federação das Índias (All India Catholic University Federation) e à Universidade Pio XII, na África do Sul. Também se encorajou o programa de troca de correspondência lançado pelo Assumption College, assim como a formação de um grupo de diplomados, intermediário entre as federações de estudantes e a Catholic Commission for International and Cultural Affairs, comissão reservada apenas a um pequeno número de intelectuais.

Fundação Cuidar o Futuro

...A 4.ª Comissão de Estudo da A. I. na Dinamarca

Esta Comissão, que estudou o tema: «Comunidade universitária no plano nacional e internacional», a fim de dar aos membros das Federações de Pax Romana uma maior consciência da sua participação na comunidade universitária internacional, recomenda a cada Federação:

a) Que lembre aos seus membros que cada comunidade encontra a sua essência na realidade do Corpo Místico e que é por causa desta convicção que nós temos a responsabilidade e o dever de trabalhar na sua realização;

b) Que desenvolva uma maior comunhão de espírito no seio de Pax Romana, rezando, por ocasião de cada manifestação da federação, pelas intenções de Pax Romana, isto é, de todas as federações que formam a nossa comunidade.

A Comissão pede às federações que tomem as seguintes resoluções práticas:

- a) Comprometer-se na permuta das suas publicações nacionais (jornais, boletins, etc.) com as das outras federações;
- b) Assegurar na sua publicação nacional uma troca de artigos com as outras federações assim como a difusão de informações e sugestões fornecidas pelo Secretariado Geral de Pax Romana;
- c) Enviar ao Secretariado Geral um relatório anual, análogo ao que devia ser preparado para esta Assembleia Interfederal, relatório destinado a informar todas as federações;
- d) Assegurar em cada universidade que o grupo ou grupos de estudantes católicos iniciem, desde a sua entrada, os novos estudantes nas estruturas da comunidade universitária católica no seu conjunto: grupo local — federação nacional — Pax Romana;
- e) Realizar todos os anos no seio da federação uma campanha de informações sobre Pax Romana.
- f) Esforçar-se por criar em cada federação um secretariado internacional que se consagre a assegurar a ligação com as outras federações.

ECOS DA VIDA SUPRANACIONAL

O QUE NOS DIZ...

...Espanha

O Conselho Nacional dos Universitários da Acção Católica teve, em Santander, de 12 a 25 de Agosto, uma Semana de estudos sobre «**A missão espiritual, cultural e social do universitário**». Eis alguns dos assuntos tratados: Cristianismo e vida — A Universidade de hoje — Missão do Universitário — Psicologia feminina — O que «eles» pensam de vós na Universidade — O que a Espanha espera do Universitário.

...França

Realizou-se, na Abadia de Royaumont (Paris), nos dias 2-3 de Outubro, o **I Congresso dos Juristas Católicos**. Para tema geral deste Congresso escolheram o grave problema de «**A defesa jurídica da unidade familiar**»: O governo da família — o divórcio e a anulação do casamento — os filhos legítimos e os filhos adoptivos.

...Bélgica

Realizou-se um **Congresso Internacional de Teatro Religioso**, em Bruges, nos dias 12 a 17 de Agosto. Estudaram-se diversos assuntos relativos ao teatro religioso. À noite, houve representações ao ar livre.

O problema do trabalho no mundo em reconstrução foi o tema de estudo da XXIII Semana de Missiologia de Lovaina que teve lugar nos dias 25-28 de Agosto.

...Sicília

A XXVI Semana Social dos Católicos Italianos realizou-se, em Palermo, nos dias 27 de Setembro a 3 de Outubro. Tema: «Os problemas da população»: o direito à vida — as teorias modernas sobre a população — a emigração — os aspectos morais da política demográfica — a lei moral sobre a transmissão da vida — o ensino do respeito pela vida, etc.

...Cuba

O V Congresso Inter-americano de Educação Católica realiza-se, em Havana, nos dias 4 a 12 de Janeiro de 1954. Este Congresso, que se reunirá sob os auspícios da Federação inter-americana de Educação Católica criada em Bogotá (Colômbia) em 1945, reúne os educadores religiosos e leigos que, no espírito de caridade e de colaboração, estudarão os principais problemas de educação.

«Unidade e pluralismo espiritual dos meios universitários na Europa»...

...foi o tema escolhido para as próximas jornadas europeias. Unidade e pluralismo são também as notas que trazemos mais vivas das reuniões da Dinamarca. Ainda mais que nas «Journées Européennes», em Hald, a unidade da variedade dos povos fez-se sentir em Skive, quando se reuniram delegados de 33 nações, para a Assembleia Interfederal da Pax Romana — MIEC. O Castelo de Krobelsom, hirto e indiferente, assistiu ao desenrolar da vida intensa duma comunidade complexa e exuberante. Vindos de todo o mundo, encontramos-nos na Dinamarca, sendo cada um a presença duma pátria. A alma tenra dos povos novos, o pensamento arrumado e sisudo dos que viveram séculos de civilização e de ciência; a alegria daquele que tornou a ter paz; e os que guardam com respeito saudades sem lenitivo; mais este que não tem problemas ou não sabe que os tem; um outro, de testa de ferro, que jurou não se deixar

vencer; e tantos outros — todos reunidos nessa Jutlândia fria e só, à roda dos mesmos assuntos, da mesma mesa e do mesmo altar.

Andava nas salas e nos corredores uma harmoniosa confusão de línguas. Mas, em todas elas, se encontraram palavras para falar da vida universitária e dos seus problemas, das condições e exigências que se nos apresentam, dos defeitos e das esperanças que andam em nós. E, como se não houvesse senão um povo e uma língua, eram muitas vezes concordes os depoimentos de todos. A estudar as condições de vida moral e religiosa dos estudantes ou a considerar problemas de estudo, quantas vezes julgamos ouvir ainda ecos do Congresso. Mas, em cada país, uma solução, para cada ambiente um método de trabalhos. Variedade esplêndida dos membros da Igreja que se unem em Cristo.

Em reuniões longas e densas pela abundância de assuntos e diversidade de línguas — todos nos entendemos. Em passeios e em cantigas, pudemo-nos encontrar. Toadas lentas, ritmos descontrolados, melodias distantes — fundiam-se numa só nota de paz e esperança.

Apesar da memória triste de histórias que alguns viveram, na guerra, apesar da angústia e incerteza, dos cuidados e aflições doutras horas — pairava alegria serena que ganhou consistência no sacrifício duro e só tem sentido para os peregrinos da Eternidade. Uma alegria fresca como a novidade do nosso encontro: vindos de tão longe por distâncias quase infinitas — foi no recanto pequeno dum país; pequeno que nós conhecemos, na brevidade duns dias curtos — irmãos que há muito comunicávamos pelo influxo vital de Cristo. E ficou mais viva a nossa certeza, porque vimos a comunidade e conhecemos cada um dos seus membros; mais firme o propósito de nos realizarmos, porque a comunidade conta connosco, a Igreja conta connosco. Propósito de sermos o que somos, sem desgosto de limitação, porque outros serão o que nós não somos; com teimosia e profundidade de plenitude, porque, o que nos é pedido a nós, ninguém mais o fará. Sermos o santo que está latente em cada um de nós, sermos o povo santo que Deus espera, com as condições de vida que nos ofereceu, com a maneira de ser que reservou, com a história que nos permitiu, com a graça que nos confere. Se nos fechamos à graça, desfalcamos a Igreja.

Enquanto irmãos nossos, membros do mesmo Corpo de Cristo, são perseguidos e martirizados, nós — que fazemos da liberdade? Enquanto há fome, dores e sofrimento — que fazemos da nossa alegria? Enquanto ao norte se luta com o isolamento, porque os católicos são raros, nós — que

valor damos à amizade? que cuidado pomos na tarefa de nos ajudarmos? que sentido têm as reuniões e os encontros, a comunidade de oração e a comunidade de vida?

Enquanto outros se desgastam a refrear materialismos que a guerra deixou, nós que fazemos à bondade dos bons?

Há entre nós bondades que ainda não fizeram nenhum bem; vivem isoladas a nosso lado pessoas que se vão mirrando em si; há sofrimentos que não foram sobrenaturalizados; e juventudes que se perdem em futilidade.

Que fizemos da juventude? do amor? da frescura?

O mundo pequeno do nosso dia a dia tem sede de frescura e de amor: frescura que purifique e eleve; amor que vivifique. Para podermos cumprir! Porque o mundo conta connosco. Nós adormecemos em nós; mas para os outros povos, Portugal não é um país esquecido: é um refúgio de paz, onde se vêm refrescar, ao menos em pensamento. É um país encantado, onde o sol tem calor e as almas paixão.

Portugal é, sobretudo, a terra que viu Nossa Senhora. E nós — que fizemos da sua mensagem?

.....

Encontramo-nos, membros distantes do mesmo Corpo, instrumentos diferentes de funções complementares. E as nossas almas vibraram de plenitude.

Em latim de pronúncia variada, subiu a Deus uma só prece, onde cabiam os anseios e as súplicas de toda a humanidade. Na mesma píxide, reuniram-se, cada dia, as hóstias do mundo inteiro. E, no silêncio que todos entendem, na união dum único amor, um mesmo Deus desceu para todos.

Agosto de 1953.

M. J. M. (delegada da J. U. C. F.
à Assembleia Interfederal da Pax Romana).

«Se queres ser nobre, profundo e fiel aprende a escolher entre as possibilidades que se te deparam e a «sacudir» aquelas que não escolheste.»

GUSTAVE THIBON
em: «O pão de cada dia»

Thomas Merton

Vale a pena dedicarmos o nosso tempo disponível à leitura de «The Seven Storey Mountain», o livro que é autobiografia deste americano convertido à nossa fé.

E vale a pena lê-lo sobretudo a nós, católicos, a quem a misericórdia divina poupou as incertezas e angústias da indecisão religiosa. E no entanto como encaramos esta graça de Deus? Quantas vezes nos lembramos de aprofundar o conhecimento dos assuntos que mais directamente dizem respeito à nossa crença, quantas vezes ao menos nos lembramos de ler um passo dos Evangelhos e meditar sobre ele com a consciência e conhecimento de causa a que nos obriga a nossa posição de católicas e universitárias?

É bem verdade, infelizmente, que, chamadas a justificar qualquer ponto de religião, poucas vezes nos encontramos em condição de o fazer e, o que é pior, não por falta de fé ou convicção religiosa, mas porque a modorra agradável do hábito nos tira a iniciativa de procurar a luz que a nossa crença facilmente dispensa.

Eis por que, em grande número de casos, os filhos das trevas levam a melhor na luta eterna que sustêm contra os sossegados e temerosos filhos da claridade.

Mes vejamos o caso de Thomas Merton. Não teve, de criança, educação religiosa de qualquer espécie. O pai, australiano de nascimento e pintor, viera para França, onde conhece a mãe, americana mais ou menos indiferente em matéria de religião. Aqui casam e nasce Thomas que é, desde a idade em que começa a ter razão, inteiramente entregue a si próprio, no que respeita a possíveis tendências religiosas. A mãe tem ideias definidas quanto à educação dos filhos e quer que os dois cresçam, tanto quanto possível, libertos de quaisquer peias ideológicas.

É assim que o jovem Thomas se encontra depois da morte dos pais: liberto de peias ideológicas. Na verdade, com uma cultura bastante vasta para os seus anos, tomara já conhecimento com alguns sistemas religiosos, bem como lera e aprofundara os manifestos de várias correntes políticas, sociais e artísticas. Encontra-se, no entanto, cada vez mais preso pelo reconhecimento de culpas que o não deixam, atormentado pela ânsia de contribuir por qualquer forma para o resgate dessas mesmas culpas.

Atravessa uma grave crise intelectual e de sentimento que o obriga a atentar mais profundamente no que até então considerara com frivolidade, nimbada de cultura literária e esteticismo.

Já em Nova York, depois da morte dos avós, último elo que o prende à família, é levado, num Domingo, por impulso irresistível mas consciente,

«PAX ROMANA»

RESPONSABILIDADES NA VIDA DE COMUNIDADE

No desenrolar da vida cristã, o homem situa-se no plano de uma renovação transcendente às suas próprias forças; renovação, contudo, ontologicamente sua, penetrando toda a sua natureza, toda a sua vida, toda a expressão da sua existência.

Quando o cristão vive intensamente essa renovação, quando ela se realiza em plenitude, então pode exclaimar com S. Paulo as palavras paradoxais aos ouvidos pagãos, mas luminosas para o que vive a sua fé: «Eu vivo, já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gal., II, 30). Nesta frase de S. Paulo, encontra-se toda a força da «metanoia» cristã — renovação «segundo a imagem de Aquele que o criou». Cristo é o próprio paradigma. E, dia a dia, diz-nos S. Paulo, o homem interior vai-se renovando, revestindo-se de Jesus Cristo. Sacramentos, sacrifício da Missa, oração interior, participação na vida litúrgica não são actos isolados, não são momentos que transformem esporadicamente o cristão em «alter Christus» — são eles forte da sua vida, que sustentam toda a sua existência e lhe seguram a permanência nessa renovação. Quer trabalhe ou repouse, quer fale ou se recolha no silêncio, quer o acompanhem horas de alegria ou de dor, ele vive sempre em Cristo e para Cristo.

Não podemos raciocinar a metanoia cristã, como não podemos imaginá-la — vivê-la intensamente até onde ela nos leva, é a nossa imensa possibilidade.

Cristo, ao criar o Homem Novo, criou com ele uma Comunidade Nova, onde a sua existência se desenrola para além do tempo — Comunidade formando um Corpo vivo, guiada e mantida por Cristo, seu Chefe e Cabeça. Aí circula a caridade, como o sangue circula nas veias. Esta Comunidade não é só o «meio», onde o Homem Novo se expande e aperfeiçoa; é também seu próprio corpo que o une, como membro, a outros membros: «Vós sois o Corpo de Cristo e membros unidos a membros» (1.º Ep. Cor., XII, 27). O Homem Novo não vive, não pode viver isolado, não pode alhear-se do seu irmão — o Homem Novo é essencialmente o Homem da Comunidade. Ele comunica a sua vida, o que pensa e o que faz; ele comunica-se na oração, no trabalho e no amor — tudo põe em comum, tudo para todos. Vida íntima de comunidade, profunda e misteriosa, que não conhece distâncias, raças, idades, separações — nem a separação da morte! —: todos numa só Vida «porque todos vós sois só em Jesus Cristo» (Gal., III, 28). Eis onde nos leva a grande, a imensa realidade da metanoia cristã.

«LA JOIE»

GEORGE BERNANOS

Na série encarnada da «Bibliothèque Plon», recentemente lançada entre nós, apareceu este romance de Bernanos, vigoroso como todos os seus. Desengane-se quem, pelo título, espere encontrar nele uma leitura repousante e consoladora. De Georges Bernanos, poderíamos dizer, parafraseando o Evangelho, que «não veio trazer a paz, mas o gládio». Por isso, ao chegarmos ao fim de cada livro seu, sentimos agudamente a mensagem de inquietação espiritual que nos comunica.

As sínteses apressadas, como as definições, são sempre perigosas; não nos arriscaremos, pois, em tão rápidas linhas, a fazer mais do que um leve esboço interpretativo desta obra, de poderosa energia psicológica.

O que é, afinal, «La Joie», essa estranha, instancável alegria de Chantal, a protagonista?

Poderíamos talvez identificá-la com a própria Verdade de que, no seu meio, só ela é a detentora, e que irrompe em caudal, sem dique, para escândalo da Mediocridade, do Medo, do Pecado e da Traição que, em tipos anormais, a rondam e que, tácita mas ansiosamente, lhe exigem o milagre. Será esta, a interpretação simbólica do Pai, da Avó, de Fiodor e de Cénabre?

Ma, em «La Joie» creio que não há muito a descobrir a chave que nos dê o significado de cada figura, como nos interessa mediocrementemente a percentagem exacta de carne e vida que nelas se encontre. O que fica de pé, será apenas a lição espiritual de que elas são veículo e que faz, de «La Joie», um livro para ser lido e meditado mais de uma vez.

«A cada favor de Deus debes responder com uma maior severidade para contigo mesmo. Toda a felicidade que não gera um dever diminue ou corrompe. A Felicidade mais do que recompensa é prova, e como prova, temos de acolhê-la.»

RELEMBRANDO...

O Campo de Férias

Lembrou-se, a Direcção Geral, de pedir a uma jucista de cada Centro Universitário, caloira, nova na JUCF e por isso participante, pela primeira vez, do Campo de Férias, o seu testemunho vivo, do que lá se passou, para levar a todas as jucistas, que não tiveram a felicidade (digo-o com propriedade) de nele participar um pouco de calor. À sorte, aí estão os três depoimentos, que pela veracidade e simplicidade, vos darão a amostra da autêntica Comunidade que vivemos.

— A universitária católica, mais propriamente a jucista, não é já aquela rapariguinha que concorda com tudo o que se diz, e que quando a convidam a falar não abre por certo a boca. Já não é aquela que vai para o campo de férias sem mais nada, que não seja a sua mala de roupa, e que volta radiante, porque gostou de facto, e sentiu alegria sã, ouvindo a conferência, estirada na praia, rezando o terço pelos caminhos. A universitária de hoje apresenta-se diferente. Além da bagagem, leva muita coisa dentro da sua cabeça, de cabelos ao vento. Aguenta dias inteiros de trabalho intelectual quase sem cansaço. Toma parte nas discussões. Verifica os esquemas. Aponta erros e mesmo, antes, apresenta as soluções. Levanta-se para dizer o que falta e interrompe as preleções sempre que acha conveniente. O sentido social da profissão e do poder, por exemplo, são problemas que a angustiam, porque não vê a maneira rápida e eficaz de os poder solucionar. Enfim, assistimos a uma modificação de estrutura que por certo há-de salvar a nossa Universidade e que nos enche de alegria.

Temos a sensação de que somos ultrapassadas, e por isso, o esforço, até aqui dispendido, vai até aos Céus, em ofertório de gratidão, porque o PAI se digna deixar ver já levantada uma ponta do véu do futuro: aquelas que nos hão-de seguir, serão capazes de mais e melhor. Por isso, de facto, «o Congresso continua».

Uma dirigente geral

Testemunho de Lisboa

Eu entrei para a J. U. C. F. no dia em que me dei conta que a Universidade estava doente... (vá lá; passe o lugar comum!) e que a nós, cristãs e estudantes, cabia fazer «alguma coisa» para a melhorar. Eu entrei para a J. U. C. F. no dia em que pressenti que os meus esforços completamente isolados seriam inúteis e que, antes de mim, outros tinham chegado à mesma conclusão e que, por isso mesmo, a J. U. C. F. existia.

Então, resolvi frequentar o curso de Aspirantes, porque me disseram que era preciso; fi-lo conscienciosamente, mas senti que, no fundo, havia qualquer coisa que falhava, não sei se em mim, se no Curso... mas talvez nas duas coisas. Na tarde em que recebi emblema, apoderou-se de mim uma emoção estranha: tive a sensação nítida de que aquele emblema (que arripiava os meus conceitos estéticos!) pesava muito; eu queria poder e saber levá-lo, mas receava não ter coragem suficiente. Mas, logo a seguir, pensei, com uma filosofia barata e cómoda: Oral há tanta gente que o usa; porque não hei-de eu, também, ser capaz? Fiz um esforço, pedi ao Senhor que me ajudasse e fiquei feliz quando senti que mo davam. Durante uns dias, aquela emoção persistiu; mas, com a rotina do dia-a-dia, tudo se transformou; apenas permaneceu a minha **convicção lógica** de pertencer à J. U. C. F. e um circulozinho azul com uma cruz dourada, na banda do meu casaco...

Pus-me a observar a actividade das raparigas que na minha Secção o usavam também: algumas davam muito; outras menos; e muitas não davam mesmo nada; isto é, usavam o emblema e iam às reuniões de quinze em quinze dias. Então, do alheamento em que eu andava, começaram a surgir dúvidas e problemas; assisti a uma reunião da Ivone e outra da Manoca; fui ao Retiro à Amadora; depois, veio o Congresso e comecei a sentir a realidade da J. U. C. F.; vivi muito durante esse período e dei o mais que pude (mas não tinha dado **tudo**, ainda); pelo menos, eu não me sentia inserida no todo, por iniciativa pessoal. Era, antes, um deixar-me arrastar; um sentir-me esmagada por uma verdade de que eu participava, mas que, em certos momentos, podia ainda avaliar com um olhar exterior.

E, um dia qualquer do mês de Agosto, parti para Penacova. Muito me tinham falado dos Campos de Férias da J. U. C. F., mas não me tinham contado tudo. Ninguém me tinha dito, por exemplo, que só quem vai ao Campo de Férias entra verdadeiramente na J. U. C. F.; mas um entrar **toda**, em tamanho natural; nunca ninguém me tinha dito que aí, a partir do 3.º dia, se deixa de viver **aos bocadinhos** e começa a formar-se no fundo de nós um desejo de dádiva absoluta e um espírito de comunidade não menos total; nunca ninguém me tinha dito que lá existem todos os elementos necessários para uma **construção interior** e que só os desperdiça quem quiser.

Eu, por mim, reconstruí-me: — reconstruí-me com a Missa em conjunto; vivendo intensamente o momento em que nos transformávamos em membros uns dos outros, em que nos comungávamos mutuamente; quando nos agrupávamos, para as reuniões, numa varanda pequena e ao meio dia o Sol quente, em vão nos mandava dispersar, porque ninguém estava na disposição de lhe obedecer; reconstruí-me em pequenos factos banais, mas que, exactamente por serem realizados com simplicidade, se tornavam grandes para mim, à medida que eu os ia compreendendo e vivendo: trocávamos de lugar a todas as refeições, para que nenhuma de nós se des-

conhecesse; todas nos tratávamos por tu (e isso, por contraste, fez-me lastimar o untuoso **Você** das meninas - bem da cidade) todas cantávamos em coro, desde o «In manus tuas» (um bocadinho modernizado... por certas dissonâncias, é verdade!) até às eloquentes variações sobre o Reverendo Mau, mais a sua Santa Companhia...; sentia-me despida dos meus próprios problemas, porque todas vivíamos as mesmas coisas e ao mesmo tempo: quando, à hora do crepúsculo, com uma luminosidade quase mística, rezávamos o Terço pelas encostas tranquilas e silenciosas dos grandes montes; quando, à noite, vínhamos da Igreja, comentando o tema da reunião e víamos todas a mesma estrela cadente; quando, durante o dia, discutíamos por equipas os pontos fundamentais da reunião da manhã; ou, então, quando achávamos uma certa... poesia (!) ao ouvir tocar um «chocalho» anunciando rigorosamente a hora das refeições (ai, desculpa, Fernanda: não era um chocalho: era uma campainha!), então, cada uma levava às costas uma cadeira e ficava unida à volta da mesa rectangular, uma única fila contínua de cadeiras...

É tão fácil reconstruir-se, e depois (tão bom) sentir que é preciso dar vazão à verdade que extravasa!

M. G. V. C.

P. S. — No último dia, a nossa Mãe Lourdes perguntou-me, se eu tinha gostado do Campo e eu pedi-lhe, se para o ano também podia voltar.

Testemunho de Coimbra

Ficou para trás, na curva da estrada, o encanto de Penacova: as reuniões, as discussões em eclipse...

Sentadas no mirante olhando o Infinito, quantas vezes aqueles montes escutaram a discussão dos nossos problemas, que são, afinal, toda a nossa Vida e que marcam em nós uma ânsia muito grande de Infinito...

Foram 8 dias que passaram depressa, 8 dias que nos deixaram saudades porque foram vividos «em cheio»...

Para mim, nova na J. U. C. F., foi qualquer coisa de muito grande este curso, qualquer coisa que me obrigou a olhar à minha volta.

Sim, a J. U. C. F. não é uma palavra vazia de sentido, um conjunto de letras mais ou menos harmonioso, um emblema que se usa na gola dum vestido...

Para além de tudo isto, estão as nossa aspirações de raparigas, o nosso ideal de cristãs, a nossa comunidade que é preciso «viver», integrada por mais do que colegas maçadoras, por irmãs que são para nós a razão de existir do nosso apostolado.

Para além de tudo o que é aparente e material, Deus, que nos fez instrumentos do seu amor, que sonhou de nós uma vida muito grande, feita dia a dia com a soma das nossas renúncias pequeninas...

Para mim, o curso foi um alargar de horizontes, um aprofundar de problemas, um cimentar esta comunidade de que eu também sou membro.

No entanto, ele não teria valido a pena, se tivesse deixado também na curva da estrada, no encanto de Penacova, tudo aquilo que ele renovou em mim. É preciso que o curso de Penacova possa continuar pelo ano adiante, que ele tivesse sido o estímulo para um Ano de Vida.

M. O. R.

Testemunho do Porto

Nunca anteriormente tinha assistido a um Campo de Férias, e ultrapassou tudo o que eu imaginava. Julguei que ia encontrar-me com raparigas da J. U. C. F. que, depois dos exaustivos dias de post-exames, iam procurar repouso em Penacova. Afinal, a palavra repouso substitui-se por trabalho intenso de todas as dirigentes e militantes. E eu, simples caloira Jucista, apesar de não ter interferido directamente nele, pude tirar ensinamentos proveitosos que irão servir de bagagem intelectual, moral e religiosa para a minha vida. Encontrei-me num ambiente de intelectuais com I, mas que aliavam o saber à simplicidade. Expunham os casos, debatiam vários problemas, apresentavam sugestões, tudo numa perfeita compreensão, na mais franca e leal camaradagem; enfim, numa comunidade autêntica.

Cultura, sim; mas isso não inclui somente o saber estritamente necessário para galgarmos mais um ano. Ser universitária católica, impõe muito mais. Exige que tenhamos noções concretas do que é a nossa religião para vivermos em grande e exercermos apostolado intelectual com bases sólidas.

Cultura, sim, dirigida para o Bem, aplicada com simplicidade.

Nesses dias, pela missa e comunhão diária, senti-me mais perto de Deus, e vivi mais a vida interior. Chegou à conclusão de que, se nós no nosso labutar quotidiano, em qualquer dificuldade que nos surge, em qualquer alegria que experimentamos, não levantamos os olhos para o Céu e oferecemos tudo para a Sua Glória, mais tarde não seremos capazes de levar pela vida fora, com simplicidade e grandeza, o nosso pesado título de universitárias.

Sim, desde o início, devemos entregar-nos completamente. Sim, sempre o que Tu queres, Meu Deus, e não o que eu quero.

Na última noite, tivemos a nossa Chama. Talvez tenha sido o que mais me impressionou; nela fiz um breve apanhado dos ensinamentos que me proporcionou o Campo de Férias.

Como introdução à chama, danças, cantos, ópera. Risos, gargalhadas. Alegria. Depois, pouco a pouco, o ambiente eleva-se. Ouvem-se vozes de algumas dirigentes. Em redor da Chama, que a princípio é uma simples faúlha, vêem-se apenas as nossa silhuetas. Porém, à medida que se transforma em Fogo, os nossos rostos iluminam-se e por contraste as sombras recortam-se mais. Sim, a princípio, no meu coração havia uma simples faúlha; no fim, um Fogo, qual labareda. Oxalá que os Seus raios não só inflamem a minha vida interior, mas também irradiem na minha vida exterior...

Perpétua

Invocação ao fogo

Senhor, eu quero ser como a lenha que morre no braseiro que ela própria criou, que fez do seu ideal um ideal de luz, que fez da sua vida um consumir-se assim, a morrer lentamente, mas a ceder calor!...

Senhor, eu quero ser aquela acha pequenina que se lança na fogueira, não sòzinha, porque o seu calor não chegaria a sair de si própria e a sua luz não seria capaz de ir até longe atravessando o espaço, mas que arde em comunidade com outras achas pequeninas.

Senhor, eu quero ser o pedacinho de lenha que morre na fogueira, a arder no teu amor!...

E LENTAMENTE A DOAÇÃO PRINCIPIOU...

«A terra é ao mesmo tempo bela e monótona. Cabe a ti encará-la na nosso tempo». Neste sentido de descoberta e desprendimento da obra que realizares, serás apóstola do Deus artista.»

Belas-Artes (Lisboa)

«A nossa alma será mais forte que o fogo, se conseguir viver sem deixar cinzas».

Conservatório (Lisboa)

«Quem diz que está n'Ele, tem que andar como Ele andou.»

Económicas

«Uma alma sã num corpo sã».

I. N. E. F. (Lisboa)

«Senhor! — fazei-nos colaboradoras do teu contínuo acto criador, pela profissão exercida com pureza e juventude, que transbordaremos para a vida nova dos nossos doentes de alma e de corpo.»

Medicina (Lisboa)

«Como o fogo se ergue para o Céu, assim os nossos pensamentos se elevam para o Senhor.»

Letras (Lisboa)

«Sobe um degrau, e olha o horizonte.»

Ciências (Coimbra)

«Humilha-te e Cristo voltará a incendiar-te com fogos de amor.»

Letras (Coimbra)

«Trazer a alma cheia, para iluminar os caminhos alheios.»

Farmácia (Coimbra)

«Que nos consumamos como lâmpadas no serviço dos outros.»

Medicina (Coimbra)

«Rumo à verdade, pela união na Caridade.»

Farmácia (Porto)

«Que a nossa unidade seja realizada por Cristo em nós.»

Belas-Artes (Porto)

«Senhor! Que a nossa vida se assemelhe à da acha que arde na fogueira.

Que arde para dar calor...

Que arde para dar luz...

Que arde para dar beleza...

E, mais que isso, se consome totalmente na sua missão.»

Ciências (Porto)

«No Amor de Deus, a nossa união.

Na graça, a nossa força.

Na Verdade, o nosso Ideal.»

Medicina (Porto)

«Que as nossas almas sejam fochos de luz a irradiar verdade, amor e alegria.»

(Três jesuitas no limiar da Universidade)

MEDITAÇÃO

«Bendirei o Senhor que me deu a inteligência: tenho sempre o Senhor na minha presença, pois que está à minha dextra para que nunca seja abalado.»

Bendirei o Senhor em todos os meus actos, em todas as minhas palavras, porque Ele pôs em mim uma participação da Sua própria Natureza...

Ainda que eu pudesse reunir em mim as intenções puras de todos os seres, ainda que eu tivesse alma capaz de abranger em si o universo, não poderia nunca agradecer e louvar o dom que o Senhor me concedeu.

Mas não posso, Senhor, igualar o meu dom à tua dádiva...

Tu és infinito e bom, e eu, pobre de mim, sou frágilmente humana...

Senhor, que eu não deixe perder em mim o que apenas a Ti pertence; que eu passe para os outros aquela parcela de infinito que Tu me concedeste; que eu seja, pela inteligência, apóstola da Verdade que Tu me deste a conhecer.

Eu quero trazer os meus irmãos para junto de Ti, todos aqueles que são cegos da Tua luz e não querem ouvir as palavras que Tu lhes dizes...

Ainda que com o sacrifício de mim própria, daquelas coisas pequeninas que me vão roubando e partilhando ou do meu próprio sangue que é a minha vida material, eu darei testemunho de que estás junto de mim, de que estás à minha dextra, para que eu nunca seja abalado.

M. O. R.

Fundação Cuidar o Futuro

«A vulgaridade consiste, dizia Charle Du Bof, em tratar as almas, as pessoas como se fossem coisas. Este defeito estende-se tanto ao bem como ao mal. E é talvez pior no bem que no mal. Os apóstolos, os «convertidores» que se empenham em purificar a nossa alma, se não respeitam o seu mistério e o seu segredo, são mais vulgares ainda do que os seres perversos que procuram sujá-la, porque é o próprio amor que minimizam. Seja para lhe dar brilho ou para manchá-la não convém tratar uma alma como um par de botas.»

*Não Te abandonarei, Senhor,
Porque Te procurei entre os outros,
Por todo o mundo
E agora sei
Que estás em mim.
Não Te abandonarei,
Porque a Tua presença desfaz todas as sombras
Que me cercam.
Não há noite que vença a Tua imagem,
Nem passos
Que me separem da Tua presença.
Não há morte capaz de quebrar
As Tuas dimensões
E a forma infinita que não tens.
Não Te abandonarei, Senhor,
Porque pressinto a fragilidade dos meus sonhos
Fechados no fundo da Tua mão.
É de Ti que vem
A angústia de não poder tocar-Te.
De Ti
A angústia de adivinhar-Te,
De ouvir a minha voz,
Sem eu Te poder ver.
Agora que Te encontrei,
Todas as minhas palavras
Não chegariam para dizer o Teu nome,
Todos os meus gestos
Não abrangem
Os contornos da Tua sombra.
Devolvo-Te os meus pensamentos,
Porque todos provêm de Ti.
São teus, todos os movimentos
Que faço;
Por isso, Te reconhecerás
Em todos os meus actos.
Não Te abandonarei,
Porque foi no fundo de mim
Que Te encontrei.*

(E Tu, Senhor, não me abandonarás)

«Este pão e este vinho que o vosso sacerdote Vos apresenta, Senhor, quero que seja verdadeiramente o meu pão, verdadeiramente o meu vinho.

Sou eu que Vo-los ofereço como se eu próprio pudesse colocá-los, como outrora, sobre a mesa, junto do vosso altar.

À vossa Missa, ao vosso sacrifício, quero sentir-me verdadeiramente presente, pela fé e pelo dom do coração, pela atenção e aceitação dos vossos mistérios.

Quero participar nesta oferenda unânime que a vossa Igreja universal, de século em século, cada dia Vos apresenta.

Quero ser um com todos, membro de um corpo único, ovelha de único rebanho, a fim de que a minha salvação não seja separada da salvação dos outros.

E agora é a Vós que me confio, Senhor, a Vós só, para que assim seja e para que a minha oferenda seja aceite.»

«Se não tiveres mais nada para oferecer ao Senhor, apresenta-lhe, unicamente, os teus trabalhos e as tuas penas;
a muitos homens, este pedaço de pão que repousa ali sobre a patena, custou muitos esforços.

Se a tua mão está vazia e a tua boca dolorosamente seca, oferece o teu coração ferido, tudo o que sofreste;
para que o vinho fosse deitado no cálice, não foi preciso que o cacho fosse esmagado e a grãoinha aberta?

Se não tiveres nada em ti, a não ser pecado e amargura, o desgosto de viver e toda a angústia humana,
que as tuas mãos levarem para o Céu estas pobres coisas, porque a Misericórdia as recebeu, antecipadamente, na sua Ceia.

E se tu não tiveres mesmo já força para apresentar e pedir, se tudo em ti é ausência e abandono,
em silêncio aceita, unicamente, que um Outro, se encarregue de ti, e te tome, para que a Oferenda e Oferente sejam um só dom.»

«Missa Est» — DANIEL-ROPS
(Trad. Rev.º Dr. Xavier Coutinho)

Fundação Cuidar o Futuro

Presença

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.
Avenida Duque de Loulé, 90, r/cD. — Lisboa
Comp. e imp. na Tip. das Oficinas de S. José
Com aprovação Eclesiástica **PREÇO: 2850**